

A respeito da construção semiótica do sentido do bullying e do cyberbullying

Ana Cristina Fricke Matte/UFMG

RESUMO: Esta proposta de encerramento do evento chama para uma discussão única todos os autores e interessados no tema. Antes que trazer conclusões, trazemos pontos para reflexão. O termo cyberbullying tem sido usado para distinguir o bullying realizado diretamente entre as pessoas do bullying mediado por computadores em rede. Com base na teoria semiótica, vamos discutir a relação entre os dois termos tendo em vista lançar algumas luzes sobre essa diferenciação e possíveis consequências práticas do uso dos dois termos em relação à construção do sujeito na sociedade atual. Trata-se de refletir, portanto: até que ponto o bullying e o cyberbullying são problemas diferentes?

O UEADSL-pós foi criado com um tema específico: Cyberbullying. Estranho isso vindo de alguém que sempre tomou por premissa que o mundo virtual é falácia: o mundo online é o que é porque as mesmas pessoas que se relacionam fora dele são as que se relacionam nele. Mas não poderia falar contra cyberbullying simplesmente negando-o: a postura científica correta seria assumir sua existência e tentar prová-la, e foi o que fizemos e é o resultado disso que trouxemos aqui, neste evento.

Este trabalho não é resultado de uma cabeça só. Decidi escrevê-lo sendo o mais honesta possível em relação a isso e cito como referências diretas os interlocutores que inspiraram essas linhas enquanto nossa interlocução visava orientar as suas: os autores desse evento.

As referências indiretas são as que discutimos durante o semestre e que listo aqui. Embora a função deste pequeno texto seja somente levantar a peteca para encerrarmos nossas reflexões por enquanto (ou devia dizer abrir a discussão para novos horizontes), faço questão de citar todas elas no final, diferente

do que se costuma fazer em artigos, ou seja, sem que estejam diretamente citadas no corpo do presente texto. Ficam como sugestões de leitura e sugestão do escopo teórico da presente reflexão.

Meu propósito aqui é claro: vim fazer uma provocação, no sentido semiótico e no sentido leigo. Trago para cá uma breve exposição daquilo que o olhar semiótico descortinou sobre o gênero bullying dentro e fora da internet: em última análise, trata-se de desvendar a falácia do gênero como produto do meio:

E concluo que não existe cyberbullying se o meio social afetado está fora da internet.

O que caracteriza o Bullying?

Semioticamente falando podemos dizer que o bullying é um percurso de provocação no qual o sujeito responsável pelo bullying sente satisfação em submeter a vítima a seu próprio quadro de valores. A vitória no bullying, portanto, é antes de mais nada cognitiva.

A vítima do bullying é exposta a uma sujeição contínua, da qual sente-se refém. Ela é o centro da cena na qual não tem o menor interesse, da qual não quer participar, pois não faz parte de suas premissas esse tipo de relação. É coagida a representar um papel o qual não escolheu mas, para o qual, foi escolhida.

O bullying apareceu com um comportamento juvenil nas escolas, numa idade em que a identidade social está em formação e, portanto, quando os sujeitos estão mais vulneráveis a provocações que explorem suas “falhas” no sentido de sua socialização. Evidentemente não é uma idade específica, qualquer pessoa pode sofrer ou provocar bullying.

Existe um contexto social imediato no qual o valor maior é a integração. O sujeito está em conjunção com esse objeto-valor em duas situações, com graus de diferença no que diz respeito à vitória do sujeito como ser social: ou ele faz sucesso (a turma dos “populares” está atrás é desse sucesso) ou, se não consegue

isso, pelo menos não se destaca, pois a segunda posição de destaque seria aquela onde o sujeito é excluído.

O bullying envolve dois tipos de disputas: a disputa entre destinador e destinatário, na qual o destinador usa manipulação por provocação para que o destinatário aceite o quadro de valores segundo o qual a violência é uma forma legítima de competição, e a disputa entre sujeito e anti-sujeito, em que o objeto seria essa integração social da qual falamos. No bullying, o agressor é duplamente vencedor: ele vence porque convence a vítima de que deveria defender-se, e vence também porque, nos casos bem sucedidos, a vítima é incapaz de defender-se. A nosso ver, a primeira disputa é superior à segunda, pois a segunda somente serviria de mote para dar continuidade à primeira.

O que difere se isso acontece na internet ou fora dela?

Marcuschi (2002) trabalha com a ideia de gênero segundo a qual o meio pode afetar a expressão do gênero, mas não o que o define. Assino embaixo: uma carta pode ser enviada por e-mail ou em papel ou até por SMS. Uma notícia não deixa de ser notícia porque aparece online e não no jornal em papel. Mas cada meio possui suas características que facilitam algumas formas de expressão e dificultam outras, levando a diferenças as quais, no entanto, não são substanciais para definir novos gêneros. Se não vou desconsiderá-las, também não acho apropriado superestimá-las.

O cyberbullying acontece na internet. Para mim, só teria sentido falar em cyberbullying se as relações entre os sujeitos envolvidos acontecesse exclusivamente na web – o que é evidentemente possível. Se a internet, no entanto, é apenas um recurso usado para provocação entre sujeitos que se relacionam presencialmente e cuja relação presencial é o foco do bullying em questão, não vejo nenhuma utilidade em pensar em cyberbullying. Pense comigo: se o bullying acontece por publicações no jornal da escola, por cartazes publicados na rua, por imagens divulgadas na internet ou por agressões físicas em público ou não, trata-se de diferentes

estratégias para o mesmo percurso passional de manutenção prazerosa do ato contínuo de manipulação por provocação.

O efeito disso não depende do meio escolhido, mas da relação que a pessoa tem com tal meio, dentre outras coisas. Essa relação é baseada num contrato fiduciário: se a vítima acredita que a divulgação daquele conteúdo naquele meio pode afetar sua identidade social, o bullying pode utilizar com sucesso esse meio como recurso.

Um caso típico de cyberbullying, tomado como aqui o proponho, é o que pode acontecer em salas de chat. Muitas pessoas utilizam essas salas como meio de socialização. Existem salas sobre os mais variados temas, mesmo que, dependendo do horário, sexo seja o único assunto a render. Um exemplo genérico: se alguém, pelo motivo que for, começar a provocar um dos membros do grupo frequente para discussões em que sempre a competência intelectual da pessoa seja posta à prova, basta que o provocador seja bom no uso das palavras e consiga efeitos cômicos nas situações de embate para que, em pouco tempo, a vítima se sinta excluída do grupo.

Digamos que o provocador resolva estender esse bullying além desse meio social e crie um blog difamatório da vítima em questão, com fotos montadas e textos agressivos com o mesmo teor do bullying no chat, isso seria mais devastador que o bullying exclusivamente no chat?

Não responda que sim antes de pensar um pouco mais: isso pode acontecer, mas também pode não acontecer. Pessoas não são feitas de uma sociedade só. Em primeiríssimo lugar, existe o eu-social que interage com o próprio eu-individual. Em seguida, desde que o sujeito se reconhece como tal e, portanto, deixa de entender o mundo e ele mesmo como uma unidade indissociável, existe o "outro".

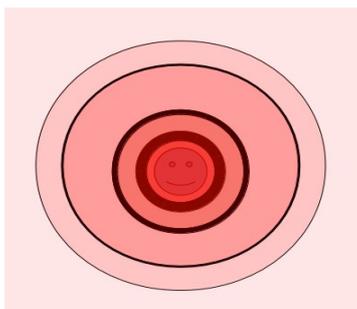


Ilustração 1: do sujeito ao mundo: interações com mais pessoas e com menor intensidade.

Se estendemos os círculos sociais hipoteticamente do sujeito em direção ao mundo, não é possível deixar de notar uma expansão e consequente diminuição da intensidade nas relações. A língua é testemunha da cultura: subjetividade e proximidade são efeitos de sentido do mesmo recurso linguístico. Então podemos inferir que a importância de um número fechado e determinado de pessoas é muito menor nos círculos sociais mais amplos e distantes do que nos círculos mais próximos. Mesmo que se aumente o número de pessoas afetadas no círculo mais distante, a diminuição da importância poderia ser considerada numa proporção exponencial, exigindo um número gigantesco de pessoas afetadas para que o efeito sobre o sujeito fosse igual ou semelhante ao efeito causado em pessoas do círculo mais próximo.

Se consideramos essa relação, começamos a perceber que o bullying na internet, mesmo com a capacidade de disseminação da informação que esta tem, não é uma ameaça necessariamente maior ao sujeito do que o bullying realizado no seu círculo social imediato. E a possibilidade há de que, se este círculo imediato não for afetado, a diluição da importância resista ao aumento numérico dos receptores da mensagem difamadora. Como diria Greimas, fora do texto não há salvação: só podemos julgar cada caso especificamente, e somente os dados que temos em mãos.

O outro argumento a favor do cyberbullying como sensivelmente mais nefasto do que o bullying presencial seria uma maior durabilidade da informação. Também depende. Informações na

internet só ficam online para sempre se forem mantidas lá. Podem ser apagadas muito facilmente e podem também permanecer lá sem serem acessadas, como um livro fechado que nunca mais foi lido. Somente uma ação intencional pode garantir sua permanência e foco, mas também a manutenção de uma informação em foco não é uma tarefa fácil e nem mesmo existe uma fórmula que sempre funcione, nem na web, nem em qualquer outro meio de divulgação.

Assim, o principal ingrediente da eficiência do bullying está no contrato entre os actantes envolvidos.

Voltemos então à questão acima: se o agressor no suposto chat, que estivesse vitimizando um membro daquela comunidade online, resolvesse estender esse bullying além do chat criando um blog difamatório da vítima, isso seria mais devastador que o bullying exclusivamente no chat?

Depende. Poderia ser, caso a identidade da vítima estivesse calcada em sua imagem na internet em sites e redes sociais afetados por esse blog, ou se ela acreditasse piamente que essa sociedade hipotética chamada mundo fosse completamente dependente das informações veiculadas nos mesmos canais que ela conhece, ou se ela acreditasse que o mundo virtual tem o poder de criar e destruir personalidades incluindo a dela. Mas o efeito no chat seria muito maior do que o do blog se, para aquela pessoa, sua identidade naquela comunidade fosse muito importante, ou seja, residisse dentro das camadas mais internas de seus círculos sociais.

Por outro lado, isso poderia não afetá-la em absoluto, caso ela não cedesse à provocação: resistindo em sua posição pessoal, fiel a seus princípios e valores, a suposta vítima seria, na verdade, a vencedora.

A sociedade ganharia muito se percebesse que nem sempre atacar é a melhor forma de defesa.

Referências Diretas e Indiretas

BEIVIDAS, Waldir. Reflexões sobre o conceito de imanência em semiótica Por uma epistemologia discursiva. Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 6, n.o 2, 2008. URL: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/1198>>, acessada em 26 de novembro de 2011.

CRUZ, Dilson F. "Algumas considerações sobre o crer e o saber". Revista Estudos Semióticos, vol.4, 2008. URL: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe4/2008-eSSe%5B4%5D-D.F.daCRUZ.pdf>> Acessada em 26 de novembro de 2011.

CRUZ, D. F. "Sobre veleidades, cinismos e apatias". Revista Estudos Semióticos, vol. 5, n.o 2, novembro de 2009. URL: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe52/2009esse52-dfcruz.pdf>> Acessada em 26 de novembro de 2011.

DISCINI, Norma. "*Da presença Sensível*". Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 8, n.o 2, 2010. URL: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/3330>> Acessada em 12/setembro/2011.

FARIAS, Iara Rosa - Nos caminhos da figuratividade. Cadernos de Semiótica Aplicada, vol.8, n.o 2, 2010. URL: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/3320>>, acessada em 26 de novembro de 2011.

FIORIN, José Luiz. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 5, n.o 2, 2007. URL: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/541>>, acessada em 26 de novembro de 2011.

GREIMAS, Algirdas & Fontanille, Jacques. Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma. Ática: São Paulo, 1993. p. 140-157.

JAKOBSON, R. - "*Olhar de relance sobre o desenvolvimento da semiótica*". Revista Galáxia do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, v. 10, n. 19, 2010. URL:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/3302>

Acesso em 21 de julho de 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio . *Oralidade e Escrita: Uma ou duas Leituras do Mundo?*. Linha D'Água, v. 15, p. 41-62, 2002.

MATTE, A. C. F. *O corpo, a paixão no pensamento de Ignácio A. Silva (I): Corpo e Paixão: a gênese do sujeito*. Cadernos de Semiótica Aplicada, vol.2, n.o 2, 2004. URL: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/606> Acessado em 26 de novembro de 2011.

MATTE, A. C. F. - *O processo semiótico de comunicação: Sobre o Esquema de Comunicação de Ignácio Assis Silva*. Revista CASA Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 6 n.o 2, 2008. URL: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/1206> Acessado em 9 de agosto de 2011.

MERÇON, Francisco Elias Simão - *Considerações acerca da figuratividade e da percepção*. Revista Estudos Semióticos, vol.4, 2008. URL: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe4/2008-eSSe%5B4%5D-F.S.MERCON.pdf> Acessada em 26 de novembro de 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice - "L'entrelacs -- le chiasme". In: *Le visible et le invisible*. Gallimard: Paris, 1964. pp. 173-204

TATIT, Luiz - "Merleau-Ponty e a semiótica". In: *Musicando a Semiótica - Ensaios*. Annablume: São Paulo, 1997. pp. 29-34.

VALÉRY, Paul - "O homem e a concha". In: *Variedades*. Iluminuras: São Paulo, 1991. pp. 97-112